

GRAFFITI: UMA POÉTICA URBANA. MANIFESTAÇÕES NO CENÁRIO URBANO DA CIDADE DE PELOTAS.

BÁRBARA DE BÁRBARA HYPOLITO¹; PAOLA BRUM²; EDUARDO ROCHA³

¹PROGRAU/UFPEL – barbarahypolito@hotmail.com

²CEAD/UFPEL – paolahbrum@gmail.com

³PROGRAU/UFPEL – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa vincula-se à dissertação de mestrado intitulada “A cidade, o corpo e as escritas urbanas: intervenção do *graffiti* no espaço público contemporâneo da cidade de Pelotas”¹ que tem como objetivo geral explorar as possibilidades de leitura do espaço público contemporâneo da cidade de Pelotas/RS a partir da experiência urbana do corpo *afectado* pela interferência do *graffiti*, contribuindo no avanço do debate, ampliando a discussão acerca da relação corpo+cidade; lançando um olhar investigativo sobre a cidade contemporânea (SECCHI, 2006; MAGALHÃES, 2007), suas manifestações e as experiências urbanas (AGAMBEM, 2009; JACQUES, 2008), possibilitadas no seu espaço público.

O trabalho investe na experiência de vivenciar a cidade escapando da passividade corporal e alienação, instaurados por um sistema que desenvolve cidades e sociedades moldadas pela razão. Aposta no entendimento sensível de que as manifestações do *graffiti* (RINK, 2013; PALLASMAA, 2013) no cenário urbano funcionam como dispositivos (AGAMBEN, 2009; DELEUZE, 1990) capazes de *afectar* a leitura do espaço urbano e descondicionar os corpos durante a experiência urbana. Corpos de indivíduos que se constituem através de um constante processo de territorialização (reconhecimento de território seja físico, psíquico ou cultural), desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE; GUATTARRI, 1995) com relação ao ambiente urbano em que se inserem, vivem e convivem. A relação estabelecida entre o corpo e a cidade e as forças geradas, mutuamente, é o que trata a corpografia urbana (JACQUES, 2008), e que permite ler o ambiente urbano a partir da experiência do corpo no seu espaço de deslocamento e vivência cotidiana – a cidade.

2. METODOLOGIA

A pesquisa tem cunho qualitativo e utiliza-se do método cartográfico (ROLNIK, 1989; KASTRUP et. al, 2010) - apostando na experimentação do pensamento e dando voz aos afetos que pedem passagem, mergulhando nas intensidades deste nosso tempo, atentando às linguagens encontradas e devorando aquelas que parecem elementos possíveis para a composição desta cartografia. Os procedimentos adotados foram pesquisa de campo, levantamento fotográfico, conversa-observação *in loco*, revisão bibliográfica e estudo de caso na cidade de Pelotas/RS.

O processo pretende analisar a experiência urbana na cidade de Pelotas/RS a partir da relação que os corpos estabelecem com o *graffiti*. Os resultados apresentados são parciais, visto que o estudo encontra-se em andamento, dando sequência a pesquisa de mestrado. O mapa encontra-se em construção.

¹¹ Dissertação de mestrado em andamento na Área de arquitetura e Urbanismo – PROGRAU/UFPEL.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As expressões urbanas em forma de *graffiti* são intervenções que se utilizam da cidade e da arquitetura como suporte e instrumento de ação, comunicação e protesto. Funcionam como um tipo de escrita urbana que se faz através de elementos visuais que interferem constantemente no cotidiano da experiência urbana, na construção e leitura das cidades contemporâneas. Desta forma, relacionam escrita, arte, urbanismo, práticas sociais, desejos e criação de espaços relacionais. São discursos visuais *na* e *da* cidade e implicam diferentes relações ético-estéticas (GUATARRI, 1990) no desenho urbano e na experiência do corpo pela cidade; caracterizam-se por uma linguagem própria marcada pela necessidade de expressão, e por meio da qual alguns grupos almejam transformar a realidade social.

A arte e a escrita urbana manifestam-se nos espaços urbanos da contemporaneidade contribuindo também com a reflexão sobre as relações entre arte, estética, intervenção, constituição de indivíduos e de suas subjetividades no contexto urbano e social das cidades no âmbito da experiência urbana, possibilitando novas formas de os indivíduos habitarem, se expressarem e se relacionarem com o meio urbano - a cidade. De certa forma, tais manifestações passam a questionar os territórios, as regulamentações impostas ao espaço, à estrutura e à imagem da cidade, se fazem na incerteza da duração, do olhar, do apagamento, da resistência e dos significados que causarão.

Ao mesmo tempo em que as ruas estão tomadas de medo, insegurança, mal-estar, resultado e consequência de um sistema que se mostra falho, que segue uma lógica de mão única (econômica), da homogeneidade, e que não está em acordo com a existência potente da imprevisível diferença, “também nas cidades engendram-se formas originais e criativas de luta, de transformação, de vivência de liberdade, de protesto por parte do povo” (RINK, 2013:17); afinal não há poder sem resistência, alerta Foucault (RINK, 2013) e a própria história, nesse sentido a contemporaneidade também é capaz de produzir formas heterogêneas que ultrapassam o individualismo capital dominante, um tipo de contracultura, de coletivismo e de novas configurações sociais, desta forma funcionam também a produção da arte urbana e as redes coletivas de atuação dos grafiteiros.

E é, nesse sentido, que esta pesquisa aposta o olhar sobre tais manifestações da vida urbana. Somos bombardeados constantemente por imagens visuais e virtuais, a produção do imaginário parece que já vem pronta através dos computadores e das televisões, a imagem é a principal ferramenta da publicidade, trata-se de um controle massivo da imaginação que “achata o espaço da imaginação individual” (PALLASMAA, 2013:16). Existem as “imagens que comandam, determinam, manipulam e condicionam, enquanto outras emancipam, atribuem poderes e inspiram” (PALLASMAA, 2013:21).

O *graffiti* utiliza-se da imagem para desobedecer às regras, propor resistência e novidade, seus artistas apropriam-se do espaço urbano a fim de afetá-lo e transformá-lo, e desta maneira também se transformam, criam outras realidades e possibilidades de ver e viver as/nas cidades. Uma proposta cuja ação relê o cotidiano, uma prática estética e política, que tem tom de manifesto e tem tom de beleza, de requalificação da urbe, de produção de pensamento e compreensão sobre a cidade, sobre a sociedade, sobre as relações que se estabelecem e sobre a própria experiência do corpo (individual e coletivo) pelas ruas, pelos pensamentos, pelas criações: de mundos, de realidades, de práticas e de subjetividades.

A prática do *graffiti* como arte urbana tem sido reconhecida pelo mundo inteiro. O artista de rua mais conhecido no mundo do séc. XXI é o britânico Banksy, um artista cujo rosto ninguém conhece e que desde os anos 90 tem marcado com *spray* muros e paredes pelo mundo, através da técnica do *stencil*. De forma rápida e anônima, o artista imprime imagens que satirizam o sistema capitalista e as formas de controle vigentes, carregadas de conteúdo social sua arte expõe a autoridade e o poder, as práticas políticas e policiais manipuladoras do comportamento social.

No Brasil, “Os Gêmeos”² são alguns dos ícones do movimento, participam de exposições por cidades do mundo todo com o *graffiti* preenchendo grandes planos com cores e desenhos que remetem à máscaras, um povo constituído de máscaras. O movimento do *graffiti* preenche com arte muros e fachadas das cidades contemporâneas e, apesar dos diferentes contextos históricos e culturais que as movem, todas essas intervenções manifestam uma mesma necessidade humana, a da comunicação pública, de transcrever ideias e sensações nos planos que compõe as cidades. Trata-se, como sugere Jacques (2010), uma ação de micro-resistência que questiona os consensos, profana a cidade espetáculo, sensibiliza a experiência entre o corpo e a cidade, afirma as tensões urbanas e sociais.

Os *graffitis* emitem vozes que dialogam com as diversas vozes dos indivíduos transeuntes, participando de seus pensamentos e ações, funcionando como produção subjetiva e de impacto social. São estímulos emitidos pelo/no mundo externo que provocam estímulos internos nos indivíduos, *afectando* seus corpos, seus desejos, suas imaginações e acionando os seus sentidos. Constituindo um entendimento que vai se fazendo além das vitrines, do mundo vendido pela mídia, outdoors e cartões postais, que implica um vaguear (CARERI, 2013) pela cidade, um perde-se, um permitir-se, um estar atento às surpresas, às cores, aos ditos e aos não-ditos das ruas e de sua gente; é uma experiência internalizada, sensorial e afetiva, que se faz a partir da experiência física e corporal urbana.

A cidade como o lugar da experiência urbana tem no *graffiti* uma narrativa contemporânea, uma expressão da experiência do corpo grafiteiro - um tipo de corpografia, marcas físicas, singulares e criativas desses corpos - que dialogam com o universo coletivo e ressignificam o espaço público. Desta forma transmitem ideias e mensagens através de desenhos, cores e formas participando do acontecimento da vida cotidiana urbana.

O cenário urbano da cidade de Pelotas, e em especial, aqui, a zona do porto, tem se transformado visualmente pela intervenção do *graffiti*. Sobre fachadas abandonadas, com e sem autorização, os grafiteiros seguem colorindo seus planos. Dentre as movimentações atuais, a pedido da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), cuja unidade Campus II ocupa quase a totalidade de um quarteirão, um grande painel foi grafitado pelo artista-grafiteiro “O Povo”.

A ação encontra-se em pleno processo, a cada dia novas intervenções passam a compor a fachada, a observação do local demonstrou que os transeuntes param para olhar, sentar e conversar, ocorreram modificações com relação à interação das pessoas com o lugar. O espaço passou a ser notado, habitado, fotografado, ele chama ao encontro, à curiosidade e à surpresa. A ação coloriu o cenário, demarcou uma zona e qualificou o espaço. Os entrevistados apreciaram a intervenção e reconheceram a melhoria do espaço a partir da inserção da arte no espaço público aos olhos de todos.

² Os Gêmeos. Fonte disponível em: <<http://www.osgemeos.com.br/biografia/>> Acesso em maio de 2014.

4. CONCLUSÕES

A arte de rua é exemplo de intervenção, no espaço público, que parece capaz de desalinhar os condicionamentos corporais estabelecidos. O transeunte - seja pedestre, ciclista ou motorista – ao depara-se com um *graffiti*, dependendo do seu grau de sensibilidade com relação ao exterior e ao espaço que transita, é colocado em estado de surpresa, uma experiência nova o está aguardando. No entanto, a desterritorialização que tal experiência pode lhe causar e a passividade contemporânea do indivíduo com relação ao ambiente em que se desloca são motivos suficientes para que o corpo resista à experiência urbana.

Cabe ao corpo transeunte escolher: ou resiste à experiência, segue o rumo com a pressa e o desinteresse natural do seu cotidiano ou atenta ao novo, deixando seu organismo ser invadido pela expressão artística da intervenção e permitindo-se sentir as sensações que a nova experiência lhe causará. O material imagético impresso nas fachadas urbanas, em forma de *graffiti*, resultado de experiências criativas, individuais ou coletivas, e à disposição de todos favorece a produção de novas subjetividades coletivas e urbanas, que alimentam a pluralidade do imaginário social, a reflexão sobre as cidades e possibilitam outras formas de produção da cultura, novas visibilidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinicius Nacastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. Trad. Frederico Bonaldo. São Paulo: Ed. G. Gili, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Que és un dispositivo?** In: Org., Michel Foucault Filósofo. Madrid: Editora Gedisa, 1990.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Editora!34, 1995.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.
- JACQUES, Paola Berenstein; BRITO, Fabiana Dultra. **Corpografias urbanas: relações entre o corpo e a cidade**. In: LIMA, Evelyn F. Werneck (org.). Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco, Rio de Janeiro: 7letras, 2008.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas**. In: Livro Corpocidade: debates, ações e articulações / org. Paola Berenstein Jacques, Fabiana Dultra Britto. Salvador: EDUFBA, 2010
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana. (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- MAGALHÃES, Sérgio Ferraz. **A cidade na Incerteza: Ruptura e continuidade em urbanismo**. Rio de Janeiro: Ed. PROURB, 2007.
- PALLASMAA, Juhani. **A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura**. Trad. Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- RINK, Anita. **Grffiti: Intervenção urbana e arte**. Curitiba: Appris, 2013.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011[1989].
- SECCHI, Bernardo. **Primeira Lição de Urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.